Grupo de Estudos *d'O Capital*

MANIFESTO

Há cento e cinqüenta anos Marx publicava o primeiro livro de O Capital e apresentou ao mundo a explicação científica mais detalhada do funcionamento do modo de produção capitalista. Até então, os cientistas que se dedicaram à compreensão da nova realidade econômica afirmaram duas perspectivas opostas: os pioneiros, como Adam Smith e David Ricardo se aproximaram da realidade, mas não desvendaram seus segredos, mas deixaram pistas importantes para descobertas posteriores. O segundo grupo, com Jeremy Bentham, Jean-Baptiste Say e John Stuart Mill, selecionaram partes que interessavam das sendas abertas por Smith e Ricardo e, imbuídos de um moralismo conservador, fundaram os pilares da Teoria Econômica defensora do capitalismo e da sua ordem.

No século XX, essa Teoria Econômica (neoclássica) se torna uma Ideologia que não explica cientificamente o sistema capitalista. Não consegue responder às contradições desse modo de produção, mas se propaga como senso comum e se estabelece como verdade consagrada.

Em meio ao intenso e frutífero debate que se passava na Inglaterra na metade do século XIX, por razões políticas diferentes de seus "colegas de estudo", Karl Marx pesquisa, incansavelmente, a teoria econômica de seu tempo e a realidade histórica concreta da parte mais desenvolvida do capitalismo até então. É importante ressaltar a motivação de sua pesquisa, que, de certa forma, não se diferencia das razões motivadoras dos precursores da Economia: a compreensão da realidade para a ação política sobre ela. Enquanto Smith, Ricardo, e, principalmente Bentham, Say e Mill se dedicaram ao estudo da economia capitalista para justificá-la em nome da classe dominante (a burguesia), Marx faz a sua crítica para oferecer as armas teóricas à ação política da classe dominada (os trabalhadores).

O que há em comum entre todos eles é a motivação prática de seus estudos. Podemos dizer que não há diletantismo ali. No entanto, apesar da motivação política das duas interpretações, Marx desvenda, com rigor científico, a dinâmica mais profunda do sistema capitalista e a ordem dos seus interesses, enquanto os opositores ficam na superfície dos fenômenos.

A obra que Marx produziu é, até hoje, a base para a explicação científica mais completa do modo de produção capitalista. Claro que, como qualquer estudo científico de um mortal, está limitado pelo seu tempo, no entanto, os verdadeiros clássicos desvelam leis que conformam a base das pesquisas posteriores. É assim que O Capital se apresenta. Um alicerce, muito sólido e bem construído, para a edificação da verdadeira teoria econômica do capitalismo, além conter em sua estrutura e movimento analítico,

elementos epistemológicos e conceituais que impactaram decisivamente os campos da Teoria Social e da Teoria da História. Até seus críticos ideológicos mais sérios reconhecem esse fato. Apenas os escribas da classe dominante, até pela dificuldade em compreender O Capital, propagam, aqui e ali, que a obra de Marx está ultrapassada, não tem nada de científico, e outros xingamentos desqualificados.

Contudo, a dinâmica do capitalismo traz constantemente O Capital de volta ao centro dos debates. Em vários momentos de agudas crises do sistema, mesmo seus críticos mais sérios reconhecem a necessidade de estudá-lo. Aos lutadores sociais comprometidos com a transformação emancipadora da humanidade, esse estudo é fundamental. É com base nessa lógica dialética que os trabalhadores constituirão o seu cabedal teórico para a ação revolucionária.

Muitos intelectuais orgânicos à nossa classe tendo como referência a obra marxiana e, a partir da análise da realidade concreta que buscavam transformar, contribuíram de maneira profunda com a expansão do marxismo enquanto teoria social que avança para explicar o mundo em que vivemos. Sem dúvida, O Capital foi a obra fundamental para Lenin, Trotski, Rosa Luxemburgo, Gramsci, Lukács, Althusser, Meszáros e muitos outros seguirem adiante com suas contribuições à ciência social e à luta de classes.

Muitos grupos de estudo de O Capital já ocorreram em todo o mundo. Aqui no Brasil, foram pioneiros, no espaço acadêmico, o chamado Seminários Marx, organizados por professores e estudantes da USP entre os anos 1958 e 1974.

O grupo de estudos mais famoso foi aquele organizado por Louis Althusser. Foram jornadas de estudos coordenadas por, além de Louis Althusser, Étiene Balibar, Yves Duroux e Jacques Rancière, que ocorreram no salão de atos da Escola Superior Normal, em Paris, entre 1964 e 1965, e resultaram no livro *Lire Le Capital* e numa corrente teórica dentro do marxismo.

A necessidade de organizar esse grupo de estudos aqui na UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia), em Vitória da Conquista, veio de vários aspectos da nossa realidade. Primeiro, a dificuldade teórico-metodológica que a obra apresenta, principalmente no primeiro livro, que não facilita sua compreensão em leituras particulares, principalmente para aqueles não iniciados na economia e na filosofia marxistas. Segundo, o momento político que exige respostas firmes e cientificamente embasadas para a recuperação da organização da classe trabalhadora, destroçada pelos anos do reformismo de baixo impacto dos governos burgo-petistas. Terceiro, a interdisciplinaridade dos interessados nessa leitura coletiva que trará diferentes perspectiva de análise, permitindo uma leitura mais abrangente. Neste sentido, vale lembrar que Marx não era um economista, tampouco um filósofo. Era um pensador político preocupado em criar uma teoria revolucionária para uma prática revolucionária.

Por que estudar O Capital neste momento? Não será preciso detalhar ainda mais nossas razões. Qualquer um que estude a história do tempo presente compreenderá a necessidade desse estudo. Não é só a crise sistêmica do capitalismo que o exige, a crise

científica e o produtivismo apressado do espaço acadêmico são desafios para um estudo sistemático, sério e comprometido, de uma obra tão densa e complexa.

Poderíamos elencar muitos outros motivos, mas o principal é darmos início aos trabalhos.

Vitória da Conquista, 06 de maio de 2017.

Sofia Pádua Manzano

Marcos Tavares

Cristiano Ferraz

Andréa Brás

Milton Pinheiro

Vinícius Correia Santos